

Público

19-09-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 31885

Temática: Desporto

Dimensão: 660 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 48

O RESPEITINHO NÃO É BONITO

Falemos, então, do caso *e-Toupeira*

João Miguel Tavares

Nos últimos dias, vários leitores insistiram em perguntar-me pelo caso *e-Toupeira*, até por eu estar a dedicar tanto tempo ao caso de Rui Rangel. Aquilo que estava subentendido na maior parte dos pedidos era esta dedução malévola: sendo eu benfiquista, é suposto ter ficado felicíssimo pelo facto de a SAD do Benfica não ter sido levada a julgamento, daí manter-me calado perante aquilo que consideravam ser uma tremenda injustiça.

Deixem-me, então, clarificar duas ou três coisinhas a esse propósito.

1) Eu gosto de futebol, mas gosto muito mais dos bons princípios que os meus paizinhos me ensinaram, e nesse particular o futebol português, muito por culpa do ambiente insano, violento e malcriado que é todos os dias alimentado no espaço mediático por clubes, televisões, comentadores e adeptos fanáticos,

é uma miséria absoluta. Fora das quatro linhas, o futebol português é feio, porco e mau, e isso é transversal aos vários clubes, agravando-se naqueles que têm mais poder e mais dinheiro. Em tempos já foi o Porto, hoje em dia é o Benfica.

2) Há muito que fiz a minha avaliação acerca das personalidades de Jorge Nuno Pinto da Costa e Luís Filipe Vieira, e acho que estão bem um para o outro, independentemente das suas capacidades (que as têm) na gestão dos clubes. Aliás, estou convencido que a longevidade de ambos à frente de Porto e Benfica se justifica, em primeiro lugar, por razões de estatuto social e de protecção pessoal, e não por um amor ao clube que não consigam conter.

3) A forma como os clubes são geridos, com os seus presidentes a serem reis e senhores de tudo, vai contra as boas práticas de qualquer empresa competente – daí tanta promiscuidade e tantos negócios de bastidores incompreensíveis e inescrutáveis. Quando em cima disso ainda se acrescenta, como acontece no Benfica, um presidente que diz que não ganha um tostão no clube ao mesmo tempo que tem empresas falidas e



“
A impossibilidade de provar um crime não nos deve impedir de condenar comportamentos deploráveis – este é um desses casos

dívidas de centenas de milhões aos bancos, é evidente que só mesmo com duas palas vermelhas nos olhos é que alguém pode achar isto normal. Eu não acho.

Dito isto, aquilo que o caso *e-Toupeira* vem provar é menos o mau funcionamento da justiça portuguesa e mais aquilo que já muitas vezes argumentei a propósito de casos como os de Sócrates ou Salgado: o Código Penal e o Código de Processo Penal não facilitam a vida a quem acusa, e exigem uma tal solidez da prova e de ligações entre os intervenientes

que são uma auto-estrada para a inocência ou para a não-pronúncia. Toda a gente sabe que Paulo Gonçalves estava a trabalhar para a SAD do Benfica; toda a gente sabe que o Benfica não o despediu quando se soube o que ele fez (pelo contrário); toda a gente sabe das suas ligações a Luís Filipe Vieira – só que saber não chega. Quando o processo entra em tribunal, são precisas as tais provas que o juiz Rui Teixeira e a juíza Ana Peres se queixaram de não existir.

Será que não viram? Será que foi incompetência do Ministério Público? As duas coisas são possíveis. Mas, nestes casos, aquilo que devemos fazer, enquanto cidadãos, é uma outra coisa: é separar o que são as exigências da prova criminal daquilo que são as exigências da prova ética e moral. Até podem não existir provas de que o Benfica soubesse aquilo que Paulo Gonçalves andou a fazer, mas é evidente que parte da administração da SAD e Luís Filipe Vieira tinham de saber. A impossibilidade de provar um crime não nos deve impedir de condenar comportamentos deploráveis – este é um desses casos.

Jornalista
jmtavares@outlook.com